



**DITONGAÇÃO VARIÁVEL DIANTE DE /S/ EM CODA SILÁBI-
CA NA FRONTEIRA
BRASIL/PARAGUAI**

**VARIABLE DIPHTHONGIZATION BEFORE /S/ IN SYLLABIC
CODA IN THE BORDER
BRAZIL/PARAGUAY**

Valeska Gracioso Carlos¹, Márcia Cristina do Carmo²

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a ditongação diante de /S/ em coda silábica em vocábulos como *paz*, *três*, *dez* e *cruz*. A pesquisa foi realizada na fronteira entre o estado do Paraná-Brasil e departamento de Alto Paraná-Paraguai, buscando apurar a interinfluência da variedade linguística de migrantes do Sul do Brasil (variante sulista), contrastando com os que vieram das outras regiões, como Sudeste e Nordeste (variante nortista). O estudo segue os pressupostos teóricos da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, que busca aliar a variação diatópica (horizontal) com a variação diastrática (vertical), convertendo o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998; 2000; 2009; 2010). Os dados foram coletados por meio de entrevista *in loco*, com informantes brasileiros e paraguaios, totalizando 40 gravações. Para a seleção dos informantes, consideramos as dimensões diassexual, diastrática, diageracional, diatópico-cinética e dialingual. Os resultados foram cartografados em cartas linguísticas pluridimensionais, as quais nos revelaram que as variantes utilizadas pelos entrevistados estão diretamente relacionadas às recentes migrações e ao povoamento das cidades de pesquisa. Verificamos que a ocorrência de ditongação nos monossílabos com sibilantes é característica mais acentuada do falar nortista, enquanto que, no falar sulista, está pouco presente.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Fonética; Fonologia, Fronteira; Ditongação.

1 Professora Adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: vgracioso@uol.com.br.

2 Professora Adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: mccarmo@uepg.br.

Recebido em: 15/06/2018

Revisado: 25/11/2018

Aceito em: 03/12/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

ABSTRACT

This work aims at analyzing the diphthongization before /S/ in syllabic coda in words as *paz* ('peace'), *três* ('three'), *dez* ('ten') and *cruz* ('cross'). It was carried out in the border between the state of Paraná/Brazil and the department of Alto Paraná/Paraguay, and it sought to discover the interinfluence of the linguistic variant of South Brazil migrants (southern variant) contrasting with the one of those who came from other regions such as the Southeast or Northeast (northern variant). This study follows the theoretical framework of the Pluridimensional and Relational Dialectology, which seeks to align the diatopical variation (horizontal) with the diastratic variation (vertical), converting the traditional study of bidimensional surface to a tridimensional study of linguistic variation (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998; 2000; 2009; 2010). Data were collected by means of *in loco* interviews, with Brazilian and Paraguayan informants, totaling 40 audio recordings. For the selection of informants, the dimensions considered were the diasexual, diastratic, diagenational, diatopic-kinetic and dialingual. The results were inserted in pluridimensional linguistic maps, which revealed to us that the variants used by interviewees are directly related to recent migrations and settlement in the cities researched. It was verified that the occurrence of diphthongization before sibilants in monosyllables is the most frequent characteristic of the northern speech as opposed to the southern speech, where it is rare.

KEYWORDS: Linguistic variation; Phonetics; Phonology; Border; Diphthongization.

Introdução

Este trabalho³ objetiva analisar a ditongação variável diante de /S/ em contexto de coda silábica na fronteira Brasil/Paraguai, mais especificamente em duas localidades do Estado do Paraná: Terra Roxa e Missal, e duas do Departamento de Alto Paraná: San Alberto e Santa Rosa del Monday.

Por meio desse fenômeno fonético-fonológico variável, insere-se um *glide* após uma vogal, transformando-se um monotongo em um ditongo, o que ocorre, por exemplo, em vogais tônicas em final de palavra, como em *portugu[ejs]* (SILVA, 2011). Em decorrência dos relativamente poucos estudos realizados sobre esse fenômeno no Português Brasileiro (doravante, PB) (cf. LEIRIA, 2000; ROCHA; PEREIRA, 2007; PEIXOTO, 2011; SILVA, 2013; ULIANO *et al*, 2014, entre outros), ainda não se compreende sua real dimensão, pois não se conhecem, sistematicamente, seus condicionamentos linguísticos e extralinguísticos (SILVA, 2013).

São analisados, neste trabalho, os monossílabos tônicos *paz*, *três*, *dez* e *cruz*. Callou (2009) destaca esse contexto, pois, nele, verifica-se a atuação do princípio da saliência fônica,⁴

3 O presente artigo é desdobramento da Tese de Doutorado de Carlos (2015), que buscou apurar não somente a questão do contato entre grupos sociais da fronteira, como também a interinfluência da variedade linguística de migrantes do Sul do Brasil (variante sulista), contrastando com os que vieram das outras regiões, como Sudeste e Nordeste (variante nortista).

4 Saliência fônica corresponde à proeminência de um padrão fonético-fonológico, geralmente associado ao acento, posto que as sílabas tônicas são mais salientes do que as átonas e, dentre as tônicas, as sílabas com acento primário são mais salientes do que aquelas com acento secundário (SILVA, 2011).

com a inserção do *glide* [j] ocorrendo prioritariamente em itens monossilábicos, como em *p[a-
js]* e *tr[ajs]*. Vale destacar que esse tipo de ditongação não ocorre na língua espanhola, cujos
lexemas são muito próximos aos do português: *paz, tres, diez, cruz*. O que ocorre com frequ-
ência na variedade da língua espanhola falada pelos paraguaios é a supressão ou a aspiração da
sibilante /S/.

Como citado, o processo variável de ditongação é investigado na região fronteira do
Brasil com o Paraguai. Para este estudo, fez-se um recorte da faixa da fronteira internacional
que divide o estado do Paraná com o Paraguai, mais especificamente a mesorregião Oeste do
Paraná e o departamento del Alto Paraná. A área selecionada cobre aproximadamente 170 qui-
lômetros de fronteira e tem, como divisa, o rio Paraná.

Ao contextualizar o Brasil sob a perspectiva geográfica, deve-se considerar os conta-
tos linguísticos que se fazem nas suas fronteiras. Esses espaços, delimitados historicamente,
expressam tensões sociais, negociações e interações diárias. Se o homem é um ser social, as
fronteiras também são sociais, pois nelas convivem diferentes grupos sociais. A partir dessas
reflexões, pode-se inferir que as fronteiras estão em movimento, fomentadas pelos fluxos mi-
gratórios, por estratégias geográficas, políticas, sociais, econômicas e culturais, e assim surge
o conceito que embasa esta abordagem teórica sobre fronteiras, o de fronteiras em movimento.
De acordo com essa teoria, “as fronteiras deixam de ser analisadas apenas na perspectiva da
geopolítica e passam a ser vistas como espaços privilegiados de integração social, econômica e
cultural” (ALBUQUERQUE, 2005, p. 53). Conforme esse ponto de vista, essas interações não
são estáticas e, portanto, estão em constante redefinição e renegociação.

As relações sociais na fronteira entre Brasil e Paraguai, desde o início do processo de
conquista europeia, caracterizam-se pelo contato entre variedades de muitas línguas, sobretudo,
entre as variedades das línguas do colonizador (português, espanhol) e do colonizado (como,
por exemplo, o guarani, dentre outras línguas indígenas) e, posteriormente, entre as variedades
das línguas de imigração (alemão e italiano), ainda presentes na região. Na atualidade, a fron-
teira entre o Brasil e o Paraguai configura-se por movimentos migratórios, circuitos comerciais
e pela miscigenação dos grupos que habitam suas cercanias.

Nesse contexto, o contato linguístico que se instaura na região é um fenômeno que me-
rece atenção, se considerado o fato de que “cada falante é, a um tempo, usuário e agente mo-
dificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se
depara” (BRANDÃO, 1991, p. 5). Além disso, sabe-se que fronteiras geográficas nacionais não
costumam coincidir com fronteiras linguísticas ou culturais, pois a língua e os costumes de um
grupo social são adquiridos inconscientemente no contato com o outro e, conseqüentemente,
não podem ser abordados por limites de natureza administrativa.

Sendo assim, como hipóteses que norteiam a presente pesquisa, têm-se: (i) maior aplica-
ção de ditongação em variedades de língua portuguesa nas localidades brasileira e paraguaia

ao norte (Terra Roxa e San Alberto); e (ii) menores índices de ditongação nas variedades das localidades brasileira e paraguaia *ao sul* (Missal e Santa Rosa del Monday). Esses resultados são esperados devido às rotas de migração e colonização de cada região, que podem fazer com que as variedades nortistas se assemelhem às variedades do Norte paranaense e do Sudeste brasileiro, enquanto as variedades sulistas se aproximem daquelas faladas no Rio Grande do Sul.

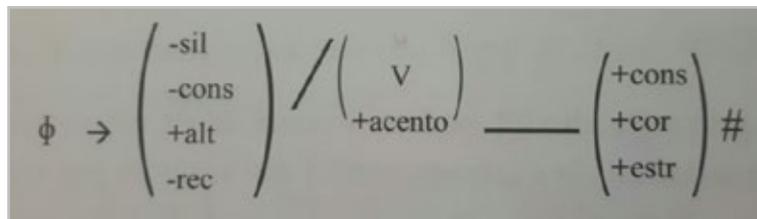
O presente artigo está estruturado da seguinte forma: na seção 2, é explicitado o arcabouço teórico que fundamenta esta pesquisa; na seção 3, são descritos os passos metodológicos desta investigação; em 4, é feita a análise dos dados; e por fim, na seção 5, são apresentadas as considerações finais, seguidas pelas referências bibliográficas.

Referencial Teórico

Nesta seção, discorreremos sobre a teoria que fundamenta esta pesquisa: a Dialectologia Pluridimensional e Relacional. Antes disso, no entanto, faz-se necessária a apresentação do fenômeno fonético-fonológico variável analisado no presente artigo.

O processo variável de ditongação diante de /S/ em coda silábica ocorre com a inserção ou epêntese de um *glide*, geralmente anterior, após uma vogal, como em *m[ajs]*. Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 154), apresentam o seguinte esquema para a ditongação presente em *tr[ejs]*, *d[Ejs]*,⁵ *m[ajs]* e *xadr[ejs]*.

Esquema 1: Regra do processo de ditongação



Fonte: Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015, p. 154)

Conforme apontam as autoras,

Essa regra prevê que haverá a inserção de um segmento [-silábico, -consonantal, +alto, -recuado, -arredondado], ou seja, [j], quando uma consoante [+cor, +estr] em posição final de sílaba for antecedida por uma vogal acentuada. [...] Esse processo de inserção, como já vimos, é denominado ditongação (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 154).

Em outras palavras, a regra postulada apresenta a epêntese do *glide* anterior [j] em contexto subsequente a uma vogal tônica e precedente a uma consoante coronal estridente em final de sílaba – no PB, as diferentes realizações fonéticas do arquifonema /S/.⁶

5 Ao longo do presente artigo, por questões de natureza tipográfica, a vogal média-baixa anterior é representada como [E].

6 Cabe ressaltar que essa ditongação, em algumas variedades do português, como a do Rio de Janeiro,

A partir de uma análise acústica, Peixoto (2011) analisa a epêntese do *glide* [j] diante de /S/ não palatalizado e evidencia a diferença acústica existente entre o ditongo *vernáculo*, como em *pais*, *reis* e *pois*, do *epentético*, como em *paz*, *rês* e *pôs*. Desse modo, a autora mostra que não há homonímia perfeita do ponto de vista acústico entre os vocábulos *paz/pais*, *rês/reis* e *pôs/pois*, destacando a gradiência do processo de ditongação.

Leiria (2000) discorre sobre ditongação variável no português falado nas três capitais do Sul do Brasil, especificamente a formação de ditongos orais por inserção de *glide* anterior em sílabas tônicas finais com /S/ em coda, como em *nós* e *através*. A partir de dados recolhidos de 36 entrevistas do Projeto Variação Linguística do Sul do País (VARSUL), a autora identificou a variável extralinguística *variedade geográfica* como a mais relevante para a formação do ditongo.⁷ Em seus resultados, a autora observou que o uso da ditongação é mais frequente quanto maior a distância do extremo sul do país. Sendo assim, foram encontradas maiores taxas de aplicação do processo em Curitiba, seguida, respectivamente, por Florianópolis e Porto Alegre. A autora destaca, também, a variável *qualidade da vogal* como a segunda mais relevante para a ditongação no contexto analisado. A vogal média-baixa /E/ apresentou-se como a maior motivadora do fenômeno, seguida da vogal baixa /a/. Por outro lado, as vogais altas /i/ e, principalmente, /u/ são as desfavorecedoras da formação do ditongo. De modo geral, esses resultados eram esperados pela autora, pois a ditongação constitui um processo de fortalecimento que ocorre preferencialmente em vogais fortes – sendo, nas línguas latinas, /a/ a vogal mais forte e /i/ a mais fraca (FOLEY, 1977, *apud* LEIRIA, 2000).

No que tange a Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os resultados de Leiria (2000) são corroborados por Uliano *et al* (2014), que analisam acusticamente a ditongação variável nas variedades blumenauense (SC) e porto-alegrense (RS). As autoras identificam um índice relativamente baixo de ditongação (13,58%) nos falares analisados. Ademais, evidenciam, a partir da utilização do *software* Praat, que as vogais baixa central /a/ e média-alta anterior /e/ são os contextos mais favorecedores da ditongação.

Especificamente sobre Santa Catarina, Rocha e Pereira (2007) utilizam-se do *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS) para a análise da ditongação variável nos vocábulos *cruz*, *paz*, *três* e *dez* à luz da Dialectologia/Geolinguística. Em seus resultados, os autores observam que o processo é mais frequente nos dois últimos itens lexicais, isto é, naqueles em que a ditongação ocorre após vogais média-alta (*tr[ejs]*) e média-baixa (*d[Ejs]*).

Também sob uma perspectiva geolinguística, Silva (2013) analisa a ditongação variável diante de /S/, como em *nós* e *paz*, em determinadas regiões do Nordeste do Brasil. Para

ocorre também em contexto de coda interna.

7 Foram pesquisadas pela autora as seguintes variáveis independentes: (i) qualidade da vogal; (ii) ponto de articulação da sibilante coronal; (iii) status morfológico da sibilante coronal; (iv) sândi externo; (v) variedade geográfica; (vi) sexo/gênero; (vii) grau de escolarização; e (viii) faixa etária.

tanto, utilizou-se do (i) *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) (ROSSI *et al*, 1963); *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS) (FERREIRA *et al*, 1987) e *Atlas Linguístico de Sergipe II* (ALS II) (CARDOSO, 2005); (iii) *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB) (ARAGÃO; MENEZES, 1984); e (iv) *Atlas Linguístico do Ceará* (ALECE) (BESSA, 2010). Segundo a autora, a Bahia destaca-se pela maior produtividade desse processo, pois sua ocorrência não se restringe às sílabas acentuadas, como em *madr[aj]sta*, aos monossílabos tônicos, como em *p[uj]s* – o que ocorre em Sergipe e no Ceará –, ou aos casos de determinantes emitidos como sílabas iniciais pretônicas, como em *[ujz]miolos* – como pode ser observado na Paraíba.

Após essa breve apresentação do fenômeno analisado e de alguns trabalhos que o tomam como objeto de estudos em diferentes variedades do PB, passa-se à apresentação da teoria que embasa esta pesquisa.

Chamada de Dialectologia Pluridimensional e Relacional, essa “nova” Dialectologia, em seu escopo, combina a variação diatópica (horizontal) com a variação diastrática (vertical), convertendo o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística. Ainda, a Dialectologia Pluridimensional e Relacional abarca outros fatos que pertencem a outras disciplinas, como a Pragmática e a Psicolinguística (THUN, 1998).

Conforme Thun (2000, p. 189-190), a Dialectologia Pluridimensional considera as seguintes dimensões da variação linguística: a dimensão dialingual (duas ou mais línguas em contato); a dimensão diatópica (variação atribuída a distintas localidades); a dimensão diastrática (diferentes estratificações sociais); a dimensão diageracional (diferentes faixas etárias); a dimensão diafásica (diferenciação entre respostas de questionários e conversas livres, entre outros estilos de fala); a dimensão diatópico-cinética (grupos sociais estáticos em comparação à mobilidade de outros grupos sociais); a dimensão diassexual (modo de falar de homens e mulheres); e a dimensão diarreferencial (modo de falar do informante contrastado à sua consciência linguística).⁸ O autor esclarece, ainda, que:

[...] o espaço variacional da Dialectologia Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialectologia tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais (THUN, 1998, p. 706).

Evidenciam-se contribuições da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) à Dialectologia, especialmente no que tange ao método geolinguístico para o estudo da variação

⁸ Nesta pesquisa, muitas dessas dimensões foram consideradas durante o processo de seleção dos informantes, como descrito na seção 3 do presente artigo.

e mudança linguística. Não obstante, pode-se afirmar que a análise da variação diatópica é consolidada a partir dos estudos da Dialetoologia, sobretudo da Pluridimensional, que investiga o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) em contraste com o dos grupos topostáticos (pouco móveis no espaço). Como dito anteriormente, os movimentos migratórios exigem nova metodologia de pesquisa, uma vez que deixa de existir o informante nascido na localidade e sem nenhuma mobilidade, mesmo porque, na maioria das vezes, esta envolve uma gradação. Além disso, se não levarmos em conta o informante topodinâmico, como explicar o avanço ou o retrocesso de uma variante linguística em determinada área? A comparação entre informantes topodinâmicos e topostáticos também pode ser frutífera, pois pode ser reveladora de manutenção ou mudança de comportamento linguístico (THUN, 1996).

Passa-se, agora, à descrição do material e dos métodos empregados neste trabalho.

Metodologia

Neste estudo, busca-se compreender o comportamento linguístico em relação ao fenômeno variável de ditongação diante de /S/ em coda silábica na fronteira Brasil/Paraguai, combinando dimensões de ordem linguística, espacial e social.

As localidades brasileiras foram selecionadas com base em dados sobre o fluxo migratório que se deu no Oeste paranaense no começo do século passado (COLODEL, 2002; GREGORY, 2002; DEITOS, 2004). Conforme esses estudos, pode-se afirmar que a mesorregião Oeste do Paraná foi povoada basicamente por duas frentes: a cafeeira, composta por paulistas e mineiros, vindos do Norte do Paraná, e a agropecuarista, representada pelos gaúchos e catarinenses, vindos do extremo Sul do país. De acordo com esse quadro migratório, a mesorregião Oeste do Paraná teve, ao norte, influências nortistas, como a cidade de Terra Roxa, e, ao sul, influências sulistas, como a cidade de Missal. Com base nas informações fornecidas pelos historiadores citados, utilizamos, como parâmetro de análise, o Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011a; 2011b), cujos mapas linguísticos refletem o fluxo migratório do sul para a área de pesquisa. Ainda podemos verificar as rotas migratórias por meio da carta IX do ALERS, que confirma o deslocamento de paulistas para o norte e, posteriormente, para o noroeste paranaense, e o de gaúchos para o Sudoeste do estado.

Esses dois estudos documentaram algumas características específicas do português em contato com variedades linguísticas do português e com línguas de imigração que, de modo genérico, estão associadas ao Sul do país. Nesse sentido, a ocupação do espaço geográfico, assim como as rotas de imigração, foram de extrema importância para a seleção das localidades.

De forma semelhante, foram selecionadas duas localidades paraguaias. Primeiramente, foram realizados estudos bibliográficos (MILLER, 1996; ALBUQUERQUE, 2005) sobre as

idades paraguaias com maior número de imigrantes brasileiros, o que permitiu precisar a procedência desses brasileiros que vivem no Paraguai. O segundo momento da investigação pausou-se na comprovação que se realizou *in loco*, por meio das respostas às questões contidas na ficha de informantes que foi elaborada com base na ficha do informante do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001). Os dados sobre a procedência familiar do informante confirmaram a hipótese de que os brasileiros que vivem em San Alberto, em sua maioria, procediam do estado do Paraná e da região Sudeste do Brasil, enquanto os brasileiros estabelecidos em Santa Rosa del Monday, em sua maioria, eram provenientes do Sul do Brasil. Na sequência, o quadro 1 apresenta os pontos definidos para a pesquisa no Paraná/Brasil e no Paraguai.

Quadro 1: Descrição da rede de pontos da pesquisa

Ponto	Descrição do ponto
Ponto BR01	Terra Roxa – Paraná – Brasil
Ponto BR02	Missal – Paraná – Brasil
Ponto PY01	San Alberto – Alto Paraná – Paraguai
Ponto PY02	Santa Rosa del Monday – Alto Paraná – Paraguai

Os informantes foram selecionados a partir do controle de variáveis sociolinguísticas como *sexo/gênero, escolaridade e faixa etária*, apresentadas adiante. Ademais, outras variáveis sociais foram definidas e controladas, como a *naturalidade dos pais, cônjuges e avós, profissão, contato com os meios de comunicação, entretenimento, viagens, religião*, entre outros, pois também são essenciais à análise dos dados.

Outro critério relevante para a seleção dos informantes foi a mobilidade espacial da população, já preconizada por Thun (1996), que concluiu que a maioria das pessoas são móveis ou muito móveis, pois já não mais nascem, vivem e morrem no mesmo lugar. Desse modo, a topodinâmica não pode ser ignorada nos estudos dialetológicos; ao contrário, ela está diretamente relacionada ao avanço ou ao retrocesso de variedades linguísticas em determinada área.

Ainda, a partir dessa mobilidade geográfica, não pode ser desconsiderada a questão dos contatos linguísticos como resultado das interações entre diferentes comunidades linguísticas. Portanto, são estudadas as variedades da língua portuguesa em contato com outras variedades da mesma língua (a sulista e a nortista) e as variedades advindas do contato com outras línguas (espanhol/guarani no Paraguai e a língua de imigração: alemão). Esses aspectos foram estudados a partir do controle dos informantes entrevistados.

A seleção dos informantes nesta pesquisa foi respaldada pelas seguintes dimensões: (i) *diassexual*: sexo/gênero masculino e feminino; (ii) *diatrática*: Ensino Fundamental completo ou incompleto (classe baixa) e Ensino Superior completo (classe alta); (iii) *diageracional*: jovens (de 18 a 30 anos) e idosos (de 50 a 65 anos); e (iv) *diatópico-cinética*: grupos móveis e grupos relativamente estáveis.⁹ A dimensão *dialingual*, por sua vez, apresentou-se na com-

⁹ Para atender a dimensão diatópico-cinética, optamos por entrevistar os informantes da segunda

posição do questionário, que envolve aspectos linguísticos prototipicamente provenientes de variedades do Sul ou de demais regiões do Brasil.

Como determinadas dimensões, como, por exemplo, *diageracional* e *diatópico-cinética*, estão diretamente correlacionadas, têm-se oito informantes para cada localidade brasileira. Já para as localidades paraguaias, foram entrevistados 12 informantes, englobando homens e mulheres paraguaias da primeira geração.¹⁰ Obteve-se, assim, um total de 40 informantes.

O inquérito linguístico, elaborado como instrumento de coleta de dados, está dividido em duas partes: a ficha do informante e o questionário linguístico. A ficha do informante foi baseada na ficha do informante do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com adaptações. Os questionários foram elaborados a partir de modelos já existentes, elaborados na constituição de diversos Atlas Linguísticos com o respaldo teórico da Dialectologia Pluridimensional, e sob o enfoque comparativo entre as línguas faladas na fronteira e variedades da língua portuguesa.

Para a presente pesquisa, realizou-se um questionário fonético-fonológico, composto de 51 questões, sendo 19 extraídas do Questionário Fonético-fonológico do ALiB, 2 do ALERS e 30 elaboradas por Carlos (2015). No âmbito da realização da pesquisa, as respostas esperadas a partir do questionário correspondiam a itens lexicais que englobam diferentes processos fonético-fonológicos variáveis.¹¹ Dessa forma, além de *paz*, *três*, *dez* e *cruz*, foram gravados itens como *cama*, *semana*, *miséria*, *café*, *história*, *memória*, *casca*, *estrelas*, *perdida*, *tarde*, *calor*, *rio*, *rosa*, *correio*, *corrupto*, *cidade*, *felicidade*, *tarde*, dentre muitos outros.

Finalmente, cabe ressaltar que, neste trabalho, analisa-se conjuntamente a ditongação variável das vogais média-alta (no vocábulo *três*) e média-baixa (no item lexical *dez*). Isso se justifica pelo fato de, como já mencionado, o objetivo principal desta pesquisa ser a análise do contato linguístico entre grupos sociais da fronteira Brasil/Paraguai no que tange à aplicação variável da ditongação, não objetivando a análise da atuação das diferentes alturas vocálicas como favorecedoras ou desfavorecedoras da aplicação do processo. Desse modo, neste artigo, são consideradas três alturas vocálicas: vogal baixa (*paz*), média (*três* e *dez*) e alta (*cruz*).

A partir do material e dos métodos expostos nesta seção, procedeu-se à análise dos dados, apresentada na seção seguinte.

geração provenientes de outras localidades e os da primeira geração nascidos na localidade da pesquisa.
 10 Essa diferença no número de informantes se dá pelo fato de, nas cidades paraguaias, terem sido entrevistados, além de oito brasileiros/brasiguaios (filhos de brasileiros, nascidos no Paraguai, cuja língua materna é o português), quatro paraguaios que falam português, totalizando 12 informantes para essas localidades.

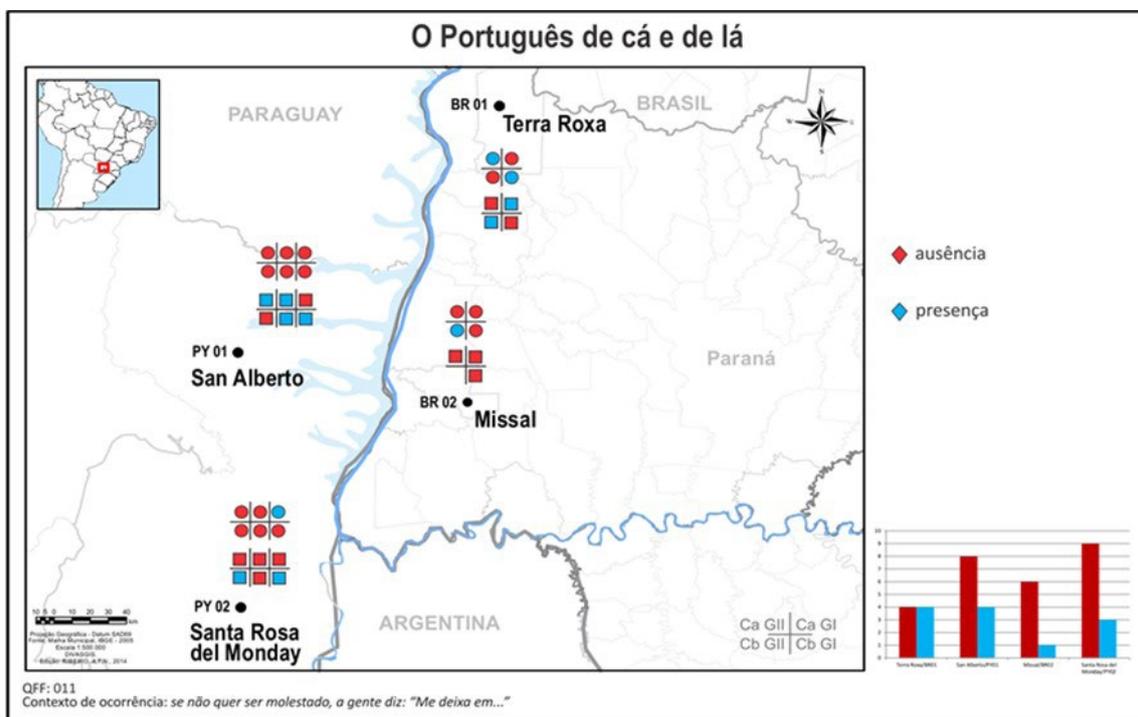
11 Como, por exemplo, abaixamento vocálico, palatalização de /S/ em coda silábica, realizações de /R/ em coda silábica, palatalização de consoantes oclusivas alveolares, etc.

Análise dos dados

Analisa-se, no presente artigo, a ocorrência de ditongação variável diante de /S/ em coda silábica de vocábulos monossílabos tônicos, característica que tende a ser mais acentuada no falar nortista, como comprovam o ALPR II (ALTINO, 2007) e o ALERS (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011a), bem como os estudos de Busse (2010) e Figueiredo (2014). Contudo, esse fenômeno tem se expandido, conforme as cartas 001 (*paz*), 002 (*três e dez*) e 003 (*cruz*), exibidas adiante.

A ditongação [aj] no item lexical *paz* ocorreu em todas as localidades analisadas, ainda que apareça com baixa frequência. Vejamos a *Carta 001- Ditongação em [aj]*:

Mapa 1: Ditongação em [aj]



Ao focalizarmos os dois pontos localizados ao norte, Terra Roxa e San Alberto, notamos a presença da ditongação [aj] em menos da metade das realizações. Na localidade brasileira de Terra Roxa, quatro informantes fazem uso da ditongação e quatro não o fazem. Já na localidade paraguaia de San Alberto, dos 12 informantes entrevistados, quatro fazem uso da ditongação. Vale ressaltar que, devido ao fato de o questionário ser considerado uma forma mais monitorada de interação quando comparado à conversa espontânea, por exemplo, muitos informantes podem evitar a aplicação do processo. O informante poderia concluir que, se utilizar a forma com ditongação, estaria falando de maneira “errada”, ainda mais quando a escrita da palavra difere da forma falada. O presente trabalho corrobora a afirmação de Aragão (2009, p. 176) de que “o nível ou registro que mais favorece a ditongação é o coloquial, informal, familiar, mesmo com informantes de melhor escolarização”.

Conforme o trabalho de Leiria (2000) e os dados do ALERS (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011a), o Rio Grande do Sul é o estado sulista em que menos ocorre a ditongação [aj], e o Paraná é onde ela ocorre com maior frequência, o que nos leva a induzir que a ditongação [aj] consiste em uma variação diatópica. Em San Alberto, a ditongação [aj] aparece com maior frequência na fala dos homens. Apenas o informante homem idoso de classe baixa não realizou a ditongação. Na fala das mulheres brasileiras/brasiguaias dessa localidade, não há nenhuma ocorrência desse fenômeno. Houve apenas uma ocorrência na fala da mulher paraguaia de classe alta. O fenômeno está mais presente na classe alta do que na classe baixa.

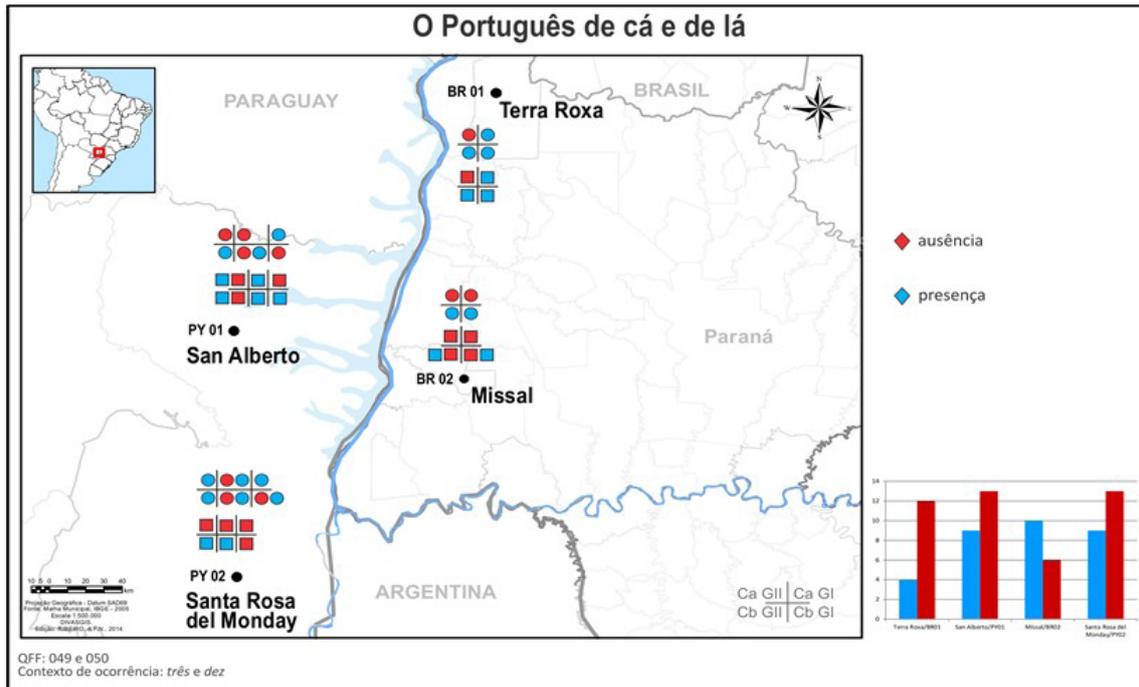
Já para as localidades ao sul, observa-se pouquíssima ditongação [aj]. Entre os brasileiros, documentamos apenas uma ocorrência na cidade de Missal e outra na cidade de Santa Rosa del Monday, ambas na CbGII.¹² Em Missal, a ocorrência da ditongação [aj] está presente apenas na informante MCbGII. Em Santa Rosa del Monday, a ditongação [aj] ocorreu no informante HCbGII e na fala de dois paraguaios: MCaGIp e HCbGIp. Deve-se ressaltar que esses informantes não conhecem a língua portuguesa na sua modalidade escrita, apenas em sua forma oral, no convívio do dia a dia. Os brasileiros, por sua vez, podem estar monitorando sua fala e, conseqüentemente, evitando a ditongação [aj].

Com relação à variável *sexo/gênero*, pode-se afirmar que há uma tendência ao uso da ditongação [aj] entre os homens. As mulheres parecem preferir a manutenção do monotongo, ou seja, utilizam a variante mais prestigiada socialmente. Nota-se, também, uma preferência de uso da ditongação entre as classes mais baixas e entre mais velhos.

As ditongações [ej] e [Ej] também estão presentes em todas as localidades, como ilustra a *Carta 002 - Ditongações em [ej] e [Ej]*.

12 Os códigos referentes aos informantes organizam-se na seguinte sequência: sexo/gênero (M para sexo/gênero feminino e H para masculino); escolaridade (Ca para Ensino Superior e Cb para Ensino Fundamental); faixa etária (GI para 18 a 30 anos e GII para 50 a 65 anos); podendo ser seguido por p, caso se trate de informante paraguaio(a). Para o código CbGII, por exemplo, têm-se falantes com Ensino Fundamental e pertencentes à segunda faixa etária. Cabe, ainda, destacar que, nas cartas presentes neste artigo, os círculos representam as mulheres, enquanto os quadrados representam os homens.

Mapa 2: Ditongações em [ej] e [Ej]



Diferentemente da ditongação [aj], as ditongações [ej] e [Ej] ocorrem em maior número nas localidades estudadas.

Quanto às localidades nortistas, em Terra Roxa, apenas dois informantes não realizam a ditongação. Em San Alberto, o fenômeno só não está presente na fala das mulheres brasileiras/brasiguaias de classe alta. Entre os homens mais velhos, existe a alternância entre as duas formas e, entre os homens mais jovens, a ditongação está mais avançada, o que nos sugere uma possível mudança em andamento. A aplicação do processo entre os paraguaios da localidade está presente na MCa e no HCb.

Quanto às variedades ao sul, em Missal, a ausência ocorre apenas nas classes altas. Nas mulheres de classe baixa, a presença da ditongação está sedimentada, enquanto nos homens de classe baixa ainda há alternância entre as duas formas. Na localidade de Santa Rosa del Monday, o processo não ocorre na fala dos homens de classe alta nem na dos homens paraguaios. Em todas as mulheres, houve ocorrência, ainda que as jovens e a mulher paraguaia de classe baixa alternem entre as duas formas.

O índice de 65% dos informantes entrevistados utilizou a ditongação da vogal média, sendo 40% jovens, o que pode indiciar uma mudança em andamento. Ressalta-se que as ditongações [ej] e [Ej] são mais recorrentes na fala das mulheres, dos jovens e das classes altas, diferentemente da ditongação [aj].

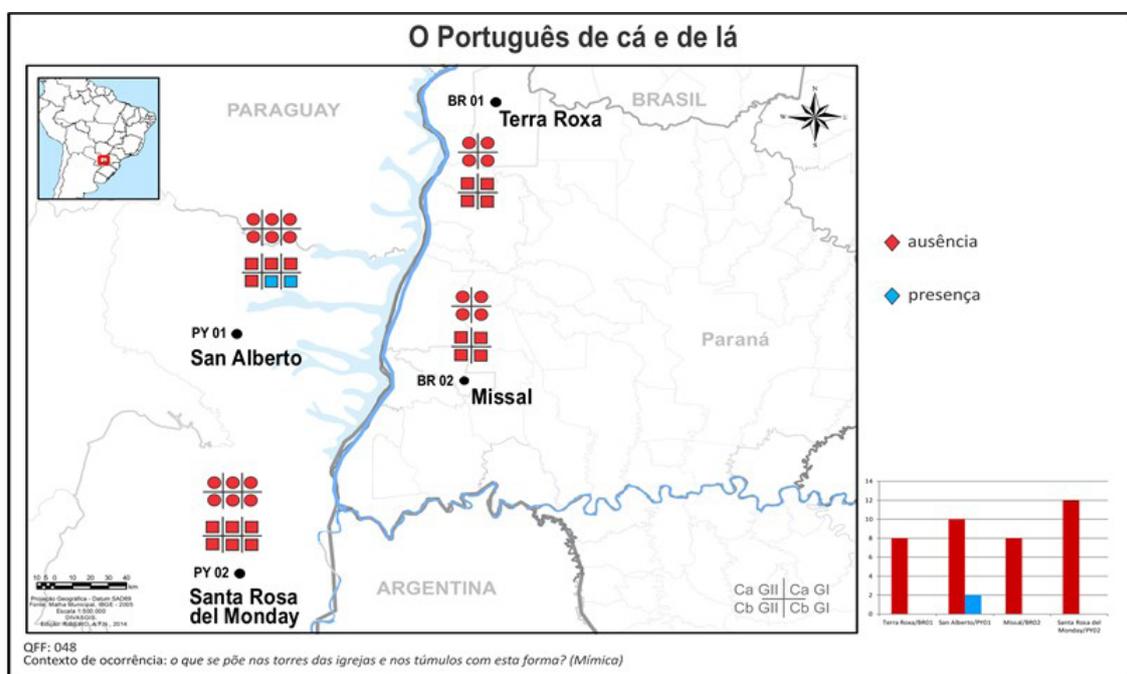
A última ditongação analisada, [uj], foi verificada por meio do item lexical *cruz*. Em relação a trabalhos referentes a outras variedades, atesta-se que esse tipo de ditongação foi o menos frequente no estudo de Busse (2010), ausente no estudo de Figueiredo (2014), no Oeste

paranaense, e com poucas ocorrências no Rio Grande do Sul, conforme a carta fonética 02 do ALERS (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011a). No entanto, a ocorrência foi significativa no Paraná, com exceção da região Oeste, e em Santa Catarina, segundo a mesma carta.

Na presente pesquisa, as únicas ocorrências da aplicação do processo foram documentadas na localidade nortista de San Alberto, ambas em homens de classe baixa e jovens, um brasiguaiio e outro paraguaio. A aplicação do fenômeno nas respostas de informantes com esse perfil social (sexo/gênero masculino, classe baixa e faixa etária mais jovem) fornece indícios de que a ditongação [uj] consiste em um processo estigmatizado socialmente.

A Carta 003 – Ditongação em [uj] ilustra a ausência quase que em totalidade da variante descrita.

Mapa 3: Ditongação em [uj]



Como podemos constatar por meio desta pesquisa, a ditongação diante da sibilante /S/ em monossílabos é mais significativa nas vogais médias, seguida da vogal baixa e quase nula na vogal alta posterior. Esse resultado corrobora os achados de Leiria (2000) e de Rocha e Pereira (2007), sobre as três capitais sulistas brasileiras e o Estado de Santa Catarina. Cabe destacar, como possível explicação para esses resultados, a homorganicidade das vogais médias [e, E] e do glide [j] em relação à posição ântero-posterior da cavidade oral no momento de sua emissão, tendo em vista o fato de serem todas vogais anteriores.

Ao comparar os dados do presente trabalho – que evidenciam uma presença mais significativa do processo nas localidades nortistas – com trabalhos que registraram a fala do Paraná, notamos que a aplicação da ditongação está relacionada à presença de paulistas e norte-paranaenses. Conforme Busse (2010), a ditongação é implantada em todo o Oeste paranaense, ainda

que haja concorrência com a manutenção da vogal tônica. Já o estudo de Figueiredo (2014) demonstrou que a ditongação é comum na fala dos mato-grossenses, porém não na fala dos sulistas, que mantêm a monotongação, apesar do contato com outras variedades. Os casos em que houve ditongação na fala dos teuto-gaúchos ocorreram em localidades mais urbanizadas e com grandes fluxos migratórios, o que demonstra que os papéis sociais, a mídia e o consequente contato com formas inovadoras trazidas pelos migrantes de outras áreas podem acarretar a mudança linguística.

Considerações finais

Este estudo analisou a ditongação variável diante de /S/ em coda silábica, processo “frequentemente apontado como uma peculiaridade da língua portuguesa falada no Brasil, não havendo correspondência nas outras variedades do português” (MOTA; SILVA, 2012, p. 119). Preencheu, também, uma lacuna referente a estudos sistemáticos sobre esse processo na fronteira Brasil/Paraguai, região ainda pouco explorada pelas pesquisas linguísticas.

Partindo do pressuposto de que as áreas linguísticas e sociais não seguem padrões impostos pelos limites do Estado nacional, a presente pesquisa objetivou analisar a natureza de fatores que podem favorecer ou inibir a inovação e a manutenção de traços linguísticos, explorando a dimensão diatópica, contrastando variantes sulistas e nortistas. Observa-se, porém, que isso não se mostra suficiente para explicar a variação linguística. Dessa maneira, confirma-se a necessidade de serem levadas em conta as dimensões *sociais* no exame da variação, o que foi feito, neste trabalho, com a consideração de algumas variáveis extralinguísticas, como *sexo/gênero* e *faixa etária* do falante.

Em relação à análise de dimensão diatópica, as hipóteses iniciais do presente estudo foram confirmadas pela presença de (i) mais variantes nortistas, isto é, com aplicação da ditongação, na fala dos informantes das localidades de Terra Roxa e San Alberto; e (ii) maior quantidade de variantes sulistas, sem ditongação, na fala dos informantes de Missal e Santa Rosa del Monday.

Além disso, esta pesquisa corroborou, para as variedades analisadas, os resultados de Leiria (2000) e Rocha e Pereira (2007), que demonstram que as vogais médias /e, E/ são as mais favorecedoras da ditongação, seguidas pela baixa /a/ e, por fim, com papel inibidor, tem-se a vogal alta posterior /u/. Esse resultado parece indicar a relevância, para a aplicação do fenômeno, da homorganicidade quanto ao traço de anterioridade existente entre as vogais médias e o *glide* [j]. Ademais, o fato de a ditongação [uj] aparecer em apenas duas ocorrências e, especificamente, em respostas de informantes do sexo/gênero masculino, mais jovens e de classe baixa, fornece indícios de que esse fenômeno, para a vogal alta posterior, é estigmatizado socialmente.

Por fim, ressalta-se a relevância de se recorrer sistematicamente às informações pessoais de cada informante, como o seu *background*, sobretudo em relação à mobilidade espacial e ao

contato linguístico com outras línguas e variedades. Por fugirem do escopo do presente artigo, essas questões são deixadas para futuras pesquisas. De qualquer forma, espera-se que o presente trabalho possa contribuir no âmbito dos estudos sobre ditongação variável diante de /S/ em coda silábica, contribuindo, de forma mais abrangente, para o mapeamento linguístico de processos fonético-fonológicos variáveis no PB.

Referências

ALBUQUERQUE, J. L. C. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais a imigração brasileira no Paraguai*. Fortaleza, 2005, Tese (Doutorado em Sociologia) do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2005.

ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (Org.). *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011a.

_____. *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011b.

ALTINO, F. C. *ALPR II - Atlas linguístico do Paraná II*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem), Universidade Estadual de Londrina/UEL, 2007, 2v.

ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

BESSA, J. R. F. *Atlas Linguístico do Ceará*. V. I – Introdução, v. II – Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: UFC, 2010.

BRANDÃO, S. F. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

BUSSE, S. *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná*. 2010. 2.v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) do Programa de Pós-Graduação dos Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

CALLOU, D. Um perfil da fala carioca. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 145-146.

CARDOSO, S. A. *Atlas Linguístico de Sergipe II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARLOS, V. G. *O português de aqui e além fronteira: um estudo das variedades da língua portuguesa em contato em contextos de fronteira*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) do Programa de Pós-Graduação dos Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

COLODEL, J. A. Cinco séculos de História. In: SILVA, G. H.; BUHÕES, R.; PERIS, A. F. (Org.). *Mesorregião Oeste Paranaense: diagnóstico e perspectivas*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.

DEITOS, N. J. *Presença da igreja no oeste do Paraná: a construção do imaginário católico (1930-1990)*. 2004. Tese (Doutorado em História) do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

FERREIRA, C. et al. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FIGUEIREDO, C. R. S. *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso*. 2014. Tese (Doutorado em Letras) do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GREGORY, V. *Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940/70)*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. [1972].

LEIRIA, L. L. A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /S/. *Organon*. v. 14. n. 28-29. Porto Alegre: UFRS, p. 133-141, 2000.

MILLER, L. M. *Um estudo sociolinguístico da comunidade de imigrantes brasileiros em Santa Rosa del Monday-Paraguai*. 1996, 366 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

MOTA, J. A.; SILVA, A. R. O vertical e o horizontal no português falado nas capitais das Regiões Sul e Sudeste do Brasil: a ditongação diante de /S/. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T. *Documentos 3: projeto Atlas linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012.

PEIXOTO, C. S. Características acústicas do processo de epêntese do glide [j] diante de [s] não palatalizado. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 156-171, 2011.

RADTKE, E.; THUN, H. (Ed.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl, 1996.

ROCHA, P. G.; PEREIRA, R. A. O processo de ditongação sob a perspectiva da fonologia gerativa: aspectos sob variação linguística. *Revista Língua e Literatura*. v. 9, n. 13, p. 69-92, 2007.

ROSSI, N. et al. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1963.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Para conhecer: Fonética e Fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, A. R. Contribuições da Geolinguística nordestina ao estudo de um fato em variação: a ditongação diante de /S/. *Entrepalavras*. Fortaleza. Ano 3, v.3, n.1, p. 230-250, jan/jul 2013.

SILVA, T. C. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

THUN, H. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera. In: RADTKE, E.; THUN, H. (Org.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

_____. La géographie linguistique romane à la fin du XX e siècle. In: ENGLEBERT, A. et al. (Org.). *Actes do XXII e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Bruxelas: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 367-388.

_____. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Ed.). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, p. 185-227, 2000.

_____. A Geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, V. A. (Org.). *Para uma história do português brasileiro*. Vol. VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL. Tomo II, 2009. p. 531-558.

_____. Variety Complexes in Contact: a Study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, P.; SCHMIDT, E. (Org.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation*. v. 1: Theories and Methods. Berlin, De Gruyter Mouton, 2010. p. 706-723.

ULIANO, C. G.; et al. A ditongação das sílabas tônicas finais travadas nos falares blumenauense e porto-alegrense: uma análise preliminar. *Revista Acadêmica de Letras Português-UOX*, n. 2, p. 94-104, 2014/1.